

“Sua voz enfeitada, como música encantada, pelos ares viajante”: “escrever é uma maneira de sangrar” reflexões iniciais sobre branquitude, racismo e epistemicídio a partir da crítica aos contos de Jarid Arraes e de Conceição Evaristo

*"Su voz hechizada, como música encantada, por el aire que viaja":
"escribir es una forma de sangrar" reflexiones iniciales sobre blanca,
racismo y epistemicidio desde la crítica de los cuentos de Jarid Arraes y
Conceição Evaristo*

Íris Palo Borges¹

Resumo

Este artigo busca apontar as reflexões iniciais de pesquisa de uma dissertação de Mestrado em Ciências da Linguagem, com foco em Linguagem e Cultura. A proposta é, a partir de críticas literárias acerca dos contos de Conceição Evaristo e Jarid Arraes, compreender as escolhas de suporte teórico feitas para construção das críticas, na perspectiva das noções de branquitude e de epistemicídio. Nesta pesquisa, a hipótese específica seria a de que a escolha de um aporte que não faça uma análise crítica da branquitude como lugar de poder, implica em um epistemicídio, haja vista a construção histórica das posições analíticas forjadas a partir do “universal”: branco, burguês, masculino.

Palavras-chave: Branquitude; Epistemicídio; Linguagem; Literatura.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo señalar las reflexiones iniciales de investigación de una tesis de maestría en Ciencias del Lenguaje, con enfoque en Lengua y Cultura. La propuesta es, a partir de críticas literarias sobre los relatos de Conceição Evaristo y Jarid Arraes, comprender las opciones de soporte teórico realizadas para la construcción de críticas, en la perspectiva de las nociones de blanca y epistemicidio. En esta investigación, la hipótesis específica sería que la elección de un aporte que no haga un análisis crítico de la blanca como lugar de poder, implica un epistemicidio, considerando la construcción histórica de posiciones analíticas forjadas desde lo “universal”: blanco, burgués, masculino.

Palabras clave: Blanca; Epistemicidio; Idioma; Literatura.

1. Introdução à pesquisa

Este trabalho se propõe a apresentar as reflexões iniciais para minha dissertação de mestrado em Ciências da Linguagem, onde proponho-me a debruçar sobre as críticas acadêmicas, em especial às literárias, acerca da produção de Conceição Evaristo e Jarid Arraes,

¹ Mestranda em Ciências da Linguagem; Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. paloiris@gmail.com

buscando analisar o aporte teórico escolhido pelos pesquisadores. Procurarei trabalhar com um recorte transdisciplinar, para que o foco seja analisar os impactos das escolhas epistemológicas e seu caráter sistêmico: quais as implicações em analisar criticamente duas autoras negras, brasileiras, que produzem no contexto dos séculos XX e XXI, a partir de um aporte teórico que não problematiza o ebóreo caráter da academia?

Procurarei então refletir acerca da sociedade que construímos. Arraes é natural de Juazeiro do Norte, na região do Cariri, no Ceará. É uma autora da “nova geração”, tendo nascido em fevereiro de 1991. É escritora, cordelista, poeta, atualmente vive em São Paulo, onde media o Clube da Escrita para Mulheres. A veterana Conceição Evaristo é hoje reconhecida como um dos nomes mais relevantes e necessários da literatura brasileira contemporânea. Nascida em novembro de 1946, Evaristo é natural de Minas Gerais. Em seus textos explora a condição, complexidade e humanidade da mulher negra. A autora se expressa através de romances, contos e poemas, nos quais procura aprofundar de maneira complexa suas personagens. De Evaristo, *Olhos D'água* (Pallas, 2014) é o livro que reúne os contos sobre os quais buscarei as análises críticas. Aclamada e reconhecida pelo país todo, a obra foi adotada por alguns processos seletivos de universidades públicas. Particularmente, li a maior parte dos contos em voz alta, pois a musicalidade das palavras precisou transbordar. De Arraes, *Redemoinho em dia Quente* (Alfaguara, 2019) chega com ritmo de cordel, cheio de metáforas. O livro rendeu à autora o prêmio APCA de Literatura na categoria Contos.

Utilizo do argumento de Foucault (1996) para pensar sobre a origem dos discursos tanto de Arraes quanto de Evaristo: o que os contos de duas mulheres negras brasileiras e contemporâneas dizem a respeito da construção da nossa sociedade? E mais ainda: o que as críticas dizem a respeito da mesma? “O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar.” (FOUCAULT, 1996, p.10).

A principal motivação para este trabalho é a possibilidade de armar uma discussão crítica sobre branquitude, a partir da análise de como a branquitude epistêmica se reflete nos trabalhos acadêmicos de críticas literárias para os contos de Jarid Arraes e Conceição Evaristo. Para que eu possa compreender o cenário em que as autoras produzem, busco autores como Guerreiro Ramos, que se dedica a tecer sobre o Negro Tema/Negro Vida (1982), onde critica a produção de conhecimento em cima da objetificação das pessoas negras, que para os produtores de conhecimento acadêmico até então, não tinham agência. O que Ramos estaria propondo seria estudar o Brasil a partir da sociologia do negro, justamente porque temos um conceito de humanidade pautado na universalidade e legitimidade brancas. Essa questão está tão enraizada na cultura ocidental, que trabalhamos com o conceito de *outridade* para justificar a colonização e desumanização de pessoas não-brancas. É a partir desse contexto, que Kabengele Munanga (1999) elabora que a negritude seria um termo para designar aquelas pessoas que, carregando a insígnia da cor, experienciam a estrutura, acumulando fenotipicamente as opressões do sistema colonizador.

Também buscarei aporte em Achille Mbembe, a partir da noção de necropolítica (2011), e em Foucault a partir do biopoder (1976). Ambos irão, cada um a partir de seu locus de enunciação, tratar da questão cruel da manutenção do sistema-mundo capitalista: a violência policial assegurando que a negritude esteja inscrita no signo de morte. No Brasil, o genocídio da população negra corre com naturalidade. Dessa forma, busco um diálogo com Sueli Carneiro, que argumenta sobre o entrelaçar de dedos entre o biopoder (Foucault, 1976) e a necropolítica (Mbembe, 2011) e, em seu alcance sistêmico, se volta para o caráter acadêmico, apontando para o *epistemicídio*. Segundo a autora, são conceitos que buscam evidenciar a

perversidade do racismo, baseados em marcos conceituais que demonstram no Brasil a existência de um contrato social/racial que sela a exclusão e subalternização dos negros e indígenas. Carneiro traz então Mills² (1997), colocando que devemos primeiramente admitir que existe uma supremacia branca ocidental no mundo, “uma sociedade organizada racialmente, um Estado racial e um sistema jurídico racial, onde o status de brancos e não brancos é claramente demarcado, quer pela lei, quer pelo costume”, como coloca Carneiro em entrevista para o site Geledés, em 2017. Tal sociedade excluiria a possibilidade de uma realização plena dos direitos democráticos, uma vez que não existe equidade na prática.

Em sua tese de doutorado, a autora defende que quando estamos tratando de “violência simbólica”, não devemos minimizar seus impactos, uma vez que suas implicações deixam feridas profundas nas vítimas. Nesse caso, é importante frisar que o caráter estrutural da violência simbólica do epistemicídio é um dos pilares da nossa sociedade. Além do assassinato, a violência física, o cerceamento das oportunidades educacionais, desvalorização das contribuições de África e da diáspora para a humanidade, e a marginalização estética, que resultam no processo agressivo de rebaixamento da autoestima, e a imposição do embranquecimento cultural consistem no que Carneiro denomina *epistemicídio* (2005).

Em oposição à negritude conceituada por Munanga, teríamos então a branquitude, um sistema em que todas as pessoas brancas são beneficiadas, apesar de nem todas serem signatárias. A branquitude foi estruturalmente erguida justamente para que a eugenia se faça presente e atuante, não só como projeto científico positivista, mas como projeto de sociedade, como coloca Carneiro.

Esta pesquisa será estruturada, então, a partir de um determinado *locus de enunciação*. Como acadêmica branca, penso que é uma maneira de movimentar o debate antirracista, de racializar o que foi construído como norma, de perceber e dar a ver uma relação de poder entre sujeitos de cor – branca e preta. Em tempos de “não há racismo no Brasil”, e a utilização do conceito de *racismo estrutural* como recurso para falas problemáticas, o debate e o entendimento acerca da branquitude é urgente. O reconhecimento dos privilégios, o que se pode fazer com eles e a estrutura do capitalismo necessita ser esmiuçado. Essa reflexão caminha intimamente com a percepção do lugar de fala, pois nossas vivências e impressões acerca de tudo o que temos contato são demarcadas pelas experiências como sujeitos de um dado lugar cultural e social. Uma vez que o pesquisador coloca seu lugar de fala como elemento importante no texto, é um indicador que está reconhecendo e disposto a quebrar com a neutralidade imaginária.

É a partir dessas reflexões que meu questionamento para impulsionar a pesquisa da dissertação de mestrado seria: como a branquitude epistêmica se reflete nos trabalhos acadêmicos de críticas literárias para os contos de Jarid Arraes e Conceição Evaristo?

Referências

ARRAES, Jarid. *Redemoinho em dia quente*. São Paulo: Alfabeta: Companhia das Letras, 2019.

² Charles Wright Mills (Waco, 28 de agosto de 1916 – Nyack, 20 de março de 1962) foi um sociólogo americano e professor de sociologia na Universidade de Columbia entre 1946 até sua morte, em 1962. Mills foi amplamente publicado em revistas populares e é lembrado por vários livros, sobretudo por sua *magnum opus*, *The Power Elite*, que introduziu esse termo e descreveu relações e alianças de classe entre as elites políticas, militares e econômicas dos EUA.

BERNARDINO-COSTA, Juaze, GROSFOGUEL, Ramón. Decolonialidade e perspectiva negra. *Revista Sociedade e Estado* – Volume 31, Número 1 jan/abr 2016.

CANDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 1965.

CARDOSO, Lourenço. *Branquitude acrítica e crítica: a supremacia racial e o branco antirracista*. Centro de Estudios Avanzados en Niñez y Juventud alianza de la Universidad de Manizales y el CINDE, Manizales, 2010.

CARNEIRO, Sueli. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005.

COSTA, Sérgio. Desprovincializando a sociologia: a contribuição pós-colonial. *Rev. bras. Ci. Soc.* [online]. 2006, vol.21, n.60, pp.117-134. ISSN 1806-9053. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092006000100007>. Acesso: 20 mai. 2020. (Artigo em Periódico Digital)

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Pallas: Fundação da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, 2016.

GROSFOGUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. *Revista de Ciências Sociais*, nº 80, 2008.

MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Editora Vozes, Petrópolis, 1999.

_____. *Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia*. Palestra proferida no 3o Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ, 2003.

SCHUCMAN, Lia Veiner. *Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”:* Raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870 - 1930)*. Companhia das Letras, São Paulo, 1993.